

TECENDO MEMÓRIAS DO IDOSO TRABALHADOR E DA IDOSA TRABALHADORA

Sílvia Helena Castro Bessa¹
Iandra Fernandes Caldas²
Cícero Nilton Moreira da Silva³

Resumo: Este tecer de memórias é um estudo realizado com idosos de 71 e 72 anos de idade, que residiram do ano de 1950 a 2018 na vila Cantinho dois, Município de Encanto - RN, e só após essa data migraram para a zona urbana de Pau dos Ferros, que fica no mesmo Estado. Assim objetivamos identificar se as vivências dos idosos nos anos de 1969 a 1971 ainda se faziam presentes ou eram algo que eles não queriam relembrar devido às dificuldades enfrentadas na época. Dessa forma, a pesquisa é de abordagem qualitativa; quanto aos procedimentos, utiliza a revisão bibliográfica e o estudo de campo, assim como a história oral por meio da entrevista individual. Concluímos que, apesar das dificuldades mencionadas, os idosos aqueceram o coração ao lembrar-se de suas vivências, e que falar de sua história de vida é sempre um “sentar que lá se vem muitas histórias”.

Palavras-chave: memórias; idosos; história oral; envelhecimento.

-
- 1 Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF (2021). Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE (2022) e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.
 - 2 Doutora em Letras pelo PPGL/CAPF/UERN, Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação - POSEDUC/UERN, Especializada em Psicopedagogia pela FVJ/CE, Pós Graduação em Literatura e Estudos Culturais CAPF/UERN, Graduada em PEDAGOGIA pelo CAPF/UERN, Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pelo CAPF/UERN. Professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF, no Departamento de Educação - DE.
 - 3 Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Atualmente cursa Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PROPGEO/UECE). Atua como Professor adjunto do quadro permanente, do Departamento de Geografia do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

-- ARTIGO RECEBIDO EM 21/03/2023. ACEITO EM 21/06/2023. --

SEWING MEMORIES OF ELDERLY WORKERS

Abstract: This construction of memories is a study carried out with elderly people aged 72 and 71 years old, who lived from 1950 to 2018 in Cantinho Dois, Municipality of Encanto – RN, Brazil and, only after that date, they migrated to the urban area of Pau dos Ferros, which is in the same state. Thus, we aimed to identify whether the experiences of the elderly in the years 1969 to 1971 were still present or if they were something they did not want to remember due to the challenges faced at that time. Therefore, the research has a qualitative approach; as for procedures, it uses bibliographical review and field study, as well as oral history through individual interviews. We concluded that, despite the difficulties mentioned, the elderly warmed their hearts when remembering their life experiences, and that talking about their life story is always a “sitting down, because there are many stories to come”.

Keywords: memories; elderly; storytelling; aging.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade tecer memórias de vida de dois idosos trabalhadores e que residiram na zona rural com seus familiares na faixa etária de 19 a 21 anos de idade, exercendo atividades no campo, como a agropecuária e o extrativismo (CPRM, 2005), uma das formas de sobrevivência no período de 1969 a 1971. Para isto, o lócus da pesquisa, onde as memórias foram tecidas, foi o município de Pau dos Ferros - RN, mas todas as experiências foram advindas da Vila Cantinho dois, local em que os participantes nasceram, criaram seus filhos e, somente no ano de 2018, migraram para a zona urbana paufferrense. A referida vila é situada no município de Encanto, o qual pertence à microrregião da serra de São Miguel e mesorregião do Alto Oeste Potiguar, no Estado do Rio Grande do Norte - RN. Sua população, segundo o IBGE (2021), é estimada em 5.697 habitantes.

Temos como objetivo tecer a memória das vivências do passado do idoso(a), para compreender o período da juventude em que pertenciam, assim como o hoje, na busca de identificar se eles relembram o passado com boas memórias ou não. Estes têm a faixa etária de 71 e 72 anos que são pertencentes a esse grupo etário em vista de que, mediante a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP (2022), orientada pela Organização Mundial da Saúde – OMS, na sua política de envelhecimento, o indivíduo a partir de 60 anos já é classificado como idoso.

Para este estudo, utilizamos a abordagem qualitativa descritiva. Quanto aos procedimentos para coleta de dados, foi utilizada a história oral, por meio da entrevista semi-estruturada. Sendo assim, a história oral serviu como procedimento metodológico para a entrevista com os idosos(as). Dessa forma, nos deleitamos na perspectiva de conhecer as memórias que acompanham esses participantes até hoje, discutindo pontos sobre a memória, a velhice, a educação na década de 1970, a Educação de Jovens e Adultos – EJA, o trabalho, a realidade frente às dificuldades do ano atual, 2022, e as atividades que exerciam no passado.

Diante do exposto, este estudo está dividido em quatro seções, sendo a primeira seção a introdução do estudo; a segunda, a fundamentação teórica,

intitulada como Memória, velhice e o envelhecimento, que aborda a memória, assim como a velhice, o envelhecimento e o preconceito estereotipado na sociedade capitalista para com os idosos no mercado de trabalho; a terceira seção descreve os procedimentos metodológicos basilares deste estudo, ao caracterizar o passo a passo da pesquisa; a quarta, as análises e discussão dos resultados, na qual se encontram as memórias dos idosos, tecidas através da história oral, a partir do recorte temporal de 1969 a 1971. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências.

2 A MEMÓRIA, VELHICE E O ENVELHECIMENTO

A memória, para muitas pessoas, é recordar, é revisitar o passado importante da vida, que talvez o vento tenha levado e não o traga de volta. São as boas lembranças que desenham um sorriso no rosto, com semblante de suspiro. Para muitas outras, porém, a memória deveria ser página virada, não lembrada, nem sequer com direito a pensar novamente. É um favor que o vento faz de não a trazê-la de volta. A respeito disso, Nora (1993, p. 9) afirma que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações.

Dessa maneira, quanto mais se vive, mais regado de histórias o ser humano é. Nesse segmento, as experiências e a importância que se dá a uma determinada situação caminham com o ser humano por toda sua vida, e o esquecimento pode se fazer presente quando não é dado sentido ao que se viveu, fugindo qualquer resquício do vivido, e transformado em inexistente, dando origem a memória seletiva.

Nesse contexto, a memória é o mote que sintetiza o vivido, que traz à tona as experiências, narrar a própria história tem um grande impacto no indivíduo na medida em que o leva a criar e/ou rever o sentido de suas experiências. E essa ação transforma-se segundo o sentido dado por cada um ao que viveu, o sujeito não só existe, mas sempre decide qual será sua existência, o que ele se tornará (CALDAS, 2021, p. 69).

Conforme esse entendimento, as memórias são construídas tanto coletivamente como individualmente, se interligando umas às outras, a depender do grupo social em que vivem. Os indivíduos defendem e praticam várias causas, sejam elas relacionadas a contextos ambientais, políticos, educacionais, sociais, assim como a traumas ou algo relativo ao que faça sentido para quem está inserido. Nessa ação, eles estão construindo memórias coletivas, bem como suas próprias opiniões de acordo com o envolvimento dentro do grupo, compondo assim uma memória individual.

Tendo isso em vista, tecer memórias do passado é uma ação da memória individual, mas, a partir do momento em que idosos se reconhecem nessa mesma história, como um trabalhador e uma trabalhadora, que estiveram no mesmo período vivendo a mesma realidade, ela se torna uma memória coletiva.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Ao deleitar-se pela década de 1970, as memórias foram sendo construídas e quiçá nem percebidas. A ciência no Brasil começou a evoluir; as pessoas pediam o fim da tortura e da censura; eram os anos de chumbo, a ditadura militar; Além dessas memórias que são a história de um povo e de sua nação, é possível recordar a transmissão das radionovelas, o fogão a lenha, o debulhar do feijão e do arroz, assim como a preparação do milho para o cuscuz do almoço e as condições do trabalho no campo. Há aproximadamente uma década antes das redes sociais e dos meios de comunicação de acesso ao sistema *wi-fi*, ainda era perceptível o tecer, o ouvir pela trigésima vez as histórias de pais e avós sentados em uma cadeira de balanço ou no alpendre de casa.

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios (BOSI, 1979, p. 15).

As histórias do passado são relembradas na velhice, esta que é uma incógnita, posto que, para cada idoso(a), ela é sentida de uma forma. Esse sentir começa pela sensação de que, ao chegar nessa fase, a sabedoria se intensifica, pois, as experiências da vida o (a) fortaleceram. De repente, encontramos o sentir do medo, a aproximação da morte, se despedindo do seu lugar de pertencimento durante uma vida toda. Além disso, vem o trauma das rugas, os cabelos brancos e as limitações. Em outros casos, as linhas de expressões e os fios claros são histórias de vida, a beleza do vivido, embora que fisicamente o indivíduo já não seja mais o mesmo: é a chegada do envelhecimento, “momento da vida entendido como um processo ou conjunto de processos que ocorre em organismos vivos e que com o passar do tempo leva a uma perda de adaptabilidade, a uma deficiência funcional e, finalmente, à morte” (SPIRDUSO, 2005, p. 6).

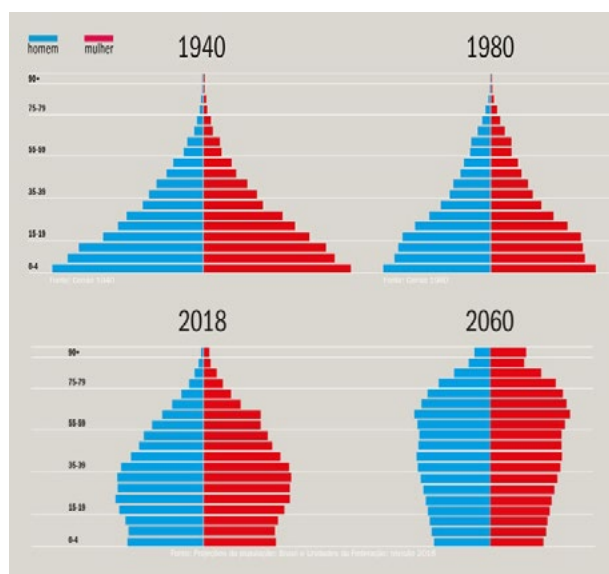
É perceptível que o idoso pode ser visto por diferentes perspectivas, assim como é necessário pensá-lo sobre vários ângulos, sendo um deles, de como é ser idoso(a) trabalhador(a), estando na sua velhice, ainda inserido(a) no mercado de trabalho. Enquanto uns não conseguem mais trabalhar por fatores físicos, por exemplo, ou porque o etarismo o impossibilitam; outros encontram utilidade em si, exercendo atividades fora de casa, e, assim, conquistam qualidade de vida. Bosi (1994) discute sobre o que é ser velho, defendendo que essa fase contempla a busca por espaço, por um lugar no mundo; e que a idade não incapacita os sujeitos de realizar atividades, mas incapacitante é a sociedade que tenta os oprimir a todo instante, com a recusa do diálogo e a falta de tolerância nas atividades.

Percebemos, então, um preconceito estereotipado com relação aos idosos, porém esse grupo etário não pode ser generalizado por sua idade, pois há casos em

que muitos são aposentados, mas preferem continuar exercendo suas atividades, assim como existem os pertencentes às classes populares e o trabalho configura-se como o sustento para sobreviverem. Eles, enquanto jovens trabalhadores e trabalhadoras, desempenharam papéis importantes no lugar onde pertenciam, seja na zona urbana ou na zona rural, desenvolvendo atividades que demandavam força e resistência. Essas memórias são como uma bagagem de recordações, as quais muitas vezes não podem ser revividas em novos tempos e com outra idade, posto que surge a dificuldade para se inserir no mercado de trabalho. Os idosos, muitas vezes, são visualizados como velhos que tem esquecimento, que dão gastos, que são propensos a faltar ao emprego e limitados a certos tipos de trabalho. Sendo assim, as portas estão mais fechadas a esse público que procura um espaço para chamar novamente de seu.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2018) aponta uma projeção do envelhecimento da população que perpassa por 1940, 1980, 2018 e 2060 (Figura 1). Tal estudo coloca que em dezessete anos, antes de chegar a 2060, um quarto da população brasileira terá mais de sessenta anos.

Figura 1 – Projeção do envelhecimento da população (IBGE)



Fonte: Agência IBGE (2019)

Com o País tendo um quarto de sua população com mais de 60 anos, evidencia-se um processo de envelhecimento, dado que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Agência IBGE (2018), aponta como crescimento de 18% ultrapassando 30 milhões em 2017. Face a tal cenário, há perspectiva de elevação desse índice para 2060, constituindo-se em 173,47% a parcela da população brasileira por idosa. Nessa perspectiva, abordamos duas causas referentes ao envelhecimento nos últimos anos mediante (PARADELLA, 2018, p. 1).

Não só no Brasil, mas no mundo todo vem se observando essa tendência de envelhecimento da população nos últimos anos. Ela decorre tanto do aumento da expectativa de vida pela melhoria nas condições de saúde quanto pela questão da taxa de fecundidade, pois o número médio de filhos por mulher vem caindo. Esse é um fenômeno mundial, não só no Brasil. Aqui demorou até mais que no resto do mundo para acontecer”, explica a gerente da PNAD Contínua, Maria Lúcia Vieira.

Diante disso, é necessário pensar sobre quais serão as possibilidades futuras para os idosos(as) trabalhadores e trabalhadoras, já que encontramos, no presente, estereótipos relativos a esse grupo e uma sociedade capitalista que impõe dificuldades à pessoa idosa, como Bosi (1994) diz: ser velho ou velha inserida nessa conjuntura social é sobreviver. Nesse contexto, é preciso pensar ainda em quais serão as memórias desses sujeitos referentes às possibilidades que a sociedade proporcionará a uma população com maior número de idosos, assim como, na qualidade de vida dos mesmos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo utiliza a abordagem qualitativa, que se assume como um estudo descritivo. Consoante com Silveira e Córdova (2009), esse tipo de abordagem tem seus direcionamentos para aspectos do cotidiano que perpassam pela sociedade em busca de explicação e descrição de um determinado fenômeno, que não se limita a números, e sim a qualidade dos resultados. Quanto aos procedimentos, utilizamos como instrumento para coleta de dados a entrevista semi-estruturada, que mediante Triviños (1987, p. 152) “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações”. Também utilizamos o referencial teórico selecionando pesquisas que se encontram em revistas científicas e documentos que asseguram direitos ao idoso e ao método da história oral encontrado em Caldas (2021), Nora (1993) e Pollak (1992). Nesse sentido, foi possível analisar os dados da Pesquisa Tecendo memórias do idoso(a), de modo descritivo, o que contribuiu de forma sensível e humanizada para esse estudo.

Desse modo, os(as) entrevistados(as) são descritos(as) nas análises e discussão dos resultados como trabalhador ou trabalhadora, seguidos do ano atual em que os dados foram coletados. Com o intuito de resguardar a identidade dos participantes, não forma identificados quem teceu a memória partilhada.-

A entrevista foi realizada individualmente, utilizando um aparelho celular para auxiliar na coleta de dados, assim como um notebook para as anotações. Fez-se necessária essa ferramenta metodológica para responder a seguinte questão: A memória das vivências dos idosos entre 1969 a 1971 ainda se faz presente mesmo após se passarem tantos anos? É a partir dessa indagação que a história oral foi essencial neste escrito, pois para além do tecer, pode-se viver a trajetória do trabalhador e da trabalhadora, sobre um período de sua juventude. A História

oral concedeu um espaço para que surgisse o momento de prosa, designado como: “senta que lá se vem muitas histórias”.

De início, surgiram questionamentos relacionados aos primeiros passos da pesquisa, como o município e o recorte local, mas, antes, realizamos previamente a revisão bibliográfica. Após a leitura do material selecionado, foi necessário pensar sobre onde seria o lócus da pesquisa; e as primeiras conclusões foram realizadas, como a escolha do Município de Pau dos Ferros – RN, local em que a pesquisadora reside.

Foi necessário escolher em qual local dentro do município seria realizado o estudo, recorte que se fazia fundamental para ter acesso aos participantes. Com esse propósito, foi observado que o bairro onde a pesquisadora frequentava tinha idosos(as), e assim foi ele o escolhido. Era preciso então realizar os primeiros contatos com os(as) idosos(as), totalizando oito visitas. A pesquisa foi apresentada, a fim de que eles compreendessem do que se tratava, usando termos do vocabulário popular, tais como: trabalho da faculdade, prosa e história de vida, trabalho, velhice, memória e, por último, segurança e privacidade de suas identificações.

Posterior ao processo de apresentação da pesquisa, apenas dois idosos aceitaram contribuir, e no mesmo momento o encontro foi marcado para o dia 23 de novembro de 2022. Os dois idosos participaram do momento de prosa, respondendo seis perguntas que estão disponíveis no (Quadro 2). É importante mencionar que o município de Encanto – RN, selecionado para o tecer das memórias, e os anos de 1969 a 1971, foram escolhidos no dia da entrevista, pois, ao responderem as perguntas, todas as falas se voltavam ao referido município e ao período em questão. Contudo, a entrevista foi realizada em Pau dos Ferros (RN).

Quadro 2 – Perguntas realizadas na entrevista semi-estruturada

Perguntas
1. Qual o nome do Senhor(a) e a sua idade?
2. Onde o Senhor(a) residiu durante sua juventude?
3. O que o senhor(a) compreende sobre velhice, passando por essa fase e qual sua opinião acerca do hoje?
4. Na época do senhor(a) havia o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL? Chegou a conhecê-lo?
5. Como era o trabalho no período de 1969 a 1971 e como o senhor(a) estava inserido(a) nele?
6. As condições de vida nos dias atuais estão mais difíceis do que antigamente? Ou não?
7. As pessoas estão envelhecendo mais rápido hoje do que antigamente?
8. O senhor(a) tem algum sonho que ainda deseja realizar pela educação? Ou já teve?

Fonte: Bessa (2023)

Esse momento, conforme supracitado, foi designado como: “senta que lá se vem histórias”, visto que, ao responderem as perguntas por meio da entrevista semi-estruturada, surgiram muitas histórias da vida dos participantes, a ponto que

a primeira entrevista com a idosa Trabalhadora teve duração de 2h00 horas e com o idoso Trabalhador, 40 minutos.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Tecendo memórias de idosos trabalhadores e trabalhadoras entre 1960 a 1971

A palavra trabalhador(a) remete ao trabalho que, nesta pesquisa, foi exercido na zona rural, em atividades no campo. É importante mencionar que ser trabalhador(a) vai muito além de exercer uma função, mas existem as marcas das renúncias, essas que impossibilitaram aos sujeitos pesquisados de estudarem; os calos nas mãos que são a marca da força usada para trazer o sustento à família. Portanto, falamos aqui de um trabalhador e uma trabalhadora que não tiveram escolhas diante o cenário ao qual pertenciam. Desse modo, inicialmente foi necessário conhecer os participantes antes da entrevista. A trabalhadora (2022) se apresentou da seguinte forma: “Morei, casei e criei meus três filhos no Encanto – RN, no Sítio Cantinho Dois, e eu já tenho 71 anos”; e o trabalhador (2022) se identificou e disse que: “Tô com 72, e morei no Cantinho Dois, no Encanto”.

Após a apresentação dos participantes, buscamos iniciar o aprofundamento da pesquisa, com o intuito de compreender pela visão do idoso(a) trabalhador(a) as suas memórias, sendo a primeira delas sobre o que era a velhice entre os anos de 1969 a 1971 e como ele(a) se vê passando por essa fase. Ao ouvi-los, teço as palavras da trabalhadora (2022)

A velhice de todo jeito não é boa. Mas, hoje em dia tem mais saúde para os idosos, e eu acho que é melhor do que antigamente. Antigamente, coitados, não tinha ganho, vivia só da agricultura. Só é boa se for muito rico e tiver tudo em suas mãos. Mas, pobre de todo jeito a velhice é ruim. Hoje o idoso adoecer tem exame, ultrassom e antigamente não tinha isso. Tinha velho que passava antigamente de três a quatro anos em cima de uma cama, e eu me lembro de eu ver isso. Não tinha hospital, nem remédio. Tinha farmacêutico.

A trabalhadora diz que quando se é pobre há maior dificuldade na velhice, pois é nessa fase que começam a surgir problemas de saúde, e o idoso para ter assistência precisa de dinheiro, mesmo tendo acesso à saúde pública. Esse fato é o que diferencia a época atual da anterior, já que no período de antigamente, 1969-1971, a classe popular não tinha acesso a remédios, exames e os idosos ficavam a mercê.

O trabalhador (2022), ao responder a mesma pergunta, diz que: “Quando se aproxima da velhice a doença se aproxima, em muitos casos não consegue desenvolver algumas atividades”.

Os dois participantes, aos tecerem suas memórias, lembraram-se da pobreza, das pessoas que conheciam e da dificuldade de acesso a suprimentos, tais como medicamentos e tratamentos adequados. Eles ainda relataram a incapacidade de fazer atividades que antes desenvolviam com facilidade. Ademais, a velhice

parece não trazer boas recordações para os participantes, pois como mencionou o trabalhador, ele não se mostrou satisfeito nessa fase da vida pelo motivo de não possuírem a mesma capacidade física de outrora.

Considerando o tecer das memórias, nos aprofundamos na temática educação, esta que, e em 1970, foi surpreendida com o Programa de Alfabetização, o qual mobilizou todo o Brasil a partir do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que teve duração de 15 anos. Este programa buscava alfabetizar os adultos nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. Segundo Paiva (1987), o MOBRAL começou a mostrar resultados na década de 70, reduzindo os índices de analfabetismo.

Em busca de conhecer a realidade do contexto educacional dos trabalhadores idosos da pesquisa, falamos sobre o MOBRAL e perguntamos se eles já haviam participado desse programa de alfabetização na década 1970.

Eu ensinei no MOBRAL de 1969 a 1970. Era de noite, só gente idosa que queria ler e aprender. Ensinei no Encanto – RN no sítio. O MOBRAL começou pelo clube de mãe, onde arranjaram uma escola para os idosos; eram uns trabalhos de corte, costura e bordado. Era um monte de coisa. Eu ensinava de noite, por muito tempo. Vinha muita coisa para a pobreza. Chegavam às mulheres sabidas pra tomar de conta e se tornava uma família. Ao todo eram trinta pessoas. A gente recebia alimentos, roupas, as filhas moças aprendiam as atividades de costura no MOBRAL aos domingos de manhã (TRABALHADORA, 2022).

O Movimento Brasileiro de Alfabetização, na realidade do trabalhador(a), foi algo importante para que os idosos da época aprendessem tanto a ler quanto as filhas a desenvolver as técnicas de costura, fato este que poderia fazer delas as costureiras das suas próprias roupas, e também das roupas de seus familiares, se tornando moças prendadas prontas para casar. Assim como identificamos o tecer da trabalhadora, em relação ao MOBRAL, abordamos a perspectiva do trabalhador (2022), que apenas ouvia falar no programa, mas não frequentou.

Diante o exposto, retornamos à temática Educação, contudo no período atual, abordando a Educação de Jovens e Adultos – EJA, modalidade de ensino para aqueles que tiveram oportunidade de estudar no ensino regular, todavia por algum motivo não deram continuidade. Dessa forma, a Constituição Federal de 1988, art. 208, afirma que o público alvo da EJA tem seus direitos garantidos perante o Estado, sendo um deles o acesso à educação de forma gratuita e de acordo com as condições do educando.

Na década de 1970, havia dificuldades de cunho político e econômico para se estudar e hoje, percorrendo pelo século XXI, apesar das políticas públicas, ainda se caminha lentamente quando se fala nas classes menos favorecidas. Em consonância com (ARAÚJO; CASSINI, 2017, p. 568)

A educação somente pode ser direito de todos se há escolas em número suficiente e se ninguém é excluído delas; portanto, se há direito público subjetivo à Educação, o Estado pode e tem de entregar a prestação educacional.

Fora daí, é iludir com artigos de constituição ou de leis. Resolver o problema da educação não é fazer leis, ainda que excelentes; é abrir escolas, tendo professores e admitindo alunos.

No contexto atual, há políticas públicas que amparam o educando, possibilitando que este retorne aos espaços que um dia lhe foram retirados, negados ou subtraídos. Em vista disso, buscamos saber se esses idosos ainda sentiam vontade de retornar ao ambiente de sala de aula. Para tanto, pedimos que compartilhassem algum sonho que queriam ou já desejaram realizar na educação.

Meu sonho era ser professora e eu não consegui. Naquele tempo era fácil, não é como hoje. Lá onde eu morava em 1969, tinha uma Escola Estadual criada, e uma conhecida que tomava de conta foi embora, e se eu tivesse estudado mais um pouco ela tinha dado a escola a mim; ela disse isso a mim. Nesse tempo precisava do ginásio, então ela deu a quem estudou mais que eu. Naquele tempo era difícil demais, não deu pra continuar os estudos, meu pai e minha mãe nunca me deram apoio, nunca disseram minha filha vá estudar, continue. Nunca teve uma pessoa que dissesse isso, além disso, meu sonho era que minhas filhas tivessem estudado e sido professoras. Eu ainda inventei de estudar no Encanto – RN; depois de casada fui fazer o ginásio, aquele que fazia todas as matérias em um ano. Tinha eu e um monte de mulheres da vila cantinho dois indo estudar no pingo do meio dia. Não fui adiante porque era longe demais, aí desisti (TRABALHADORA, 2022).

Neste tecer de memórias, há um sentimento quanto a algo que não foi concretizado pela dificuldade do período de 1969 a 1971, assim como pela falta de incentivo familiar. Um sonho que não foi realizado e que mediante o deleite não se tem mais vontade de realizar. O referido trabalhador, ao expressar sua resposta, acerca de seus sonhos, apenas concluiu que: “não tenho nenhum sonho”.

Após conversamos sobre os desejos, sonhos e desafios da época, buscamos conhecer a perspectiva de como era o trabalho que os participantes exerciam entre os anos de 1960 a 1971 e como eles estavam inseridos dentro desse contexto.

Naquela época era trabalhando na roça. No inverno nós plantava feijão, arroz e milho e comprava roupa com algodão. Plantava as capoeiras de algodão na roça. Apanhava, fazia um montão, e tinha um comprador. Nós só comprávamos alguma coisa pra nós final de ano. A vida da roça não é boa, quem disser que é, mentiu. Meu avô criava bastante boi, vaca, e meu pai criava mais pouco. Em 1970 tinha a seca, mas graças a Deus nós nunca passamos precisão. Meus tios ganhavam sete conto por mês, nós tínhamos fartura, porque papai tinha vazante. Nós tínhamos batata, melancia, melão, jerimum e milho verde (TRABALHADORA, 2022).

A trabalhadora pertencia a uma família de agricultores que sobrevivia da roça, então tudo dependia dos frutos que a terra os dava. Era plantar para ser possível colher os frutos, em forma, tanto de alimento, quanto de calçados e mantimentos, necessários à sobrevivência. A mesma pergunta foi direcionada ao trabalhador, que respondeu: “Em 1970 tinha a seca, nós fomos pobres, mas, criávamos porco, bode e gado para comer”.

A seca de 1970 assolou a região Nordeste do País, causando fome em milhares de famílias do Estado do Rio Grande do Norte – RN e resultando em migrações para o Estado de São Paulo. Nesse período, houve invasões em municípios do estado do RN, como por exemplo, Ipanguaçu e Carnaúbas. Segundo a Folha de São Paulo (2020), que fez um resgate histórico do episódio, 300 homens invadiram as referidas cidades em busca de alimento na época, fato que não se restringe apenas a esses lugares.

O trabalhador participante da pesquisa, menciona que haviam dificuldades nesse período em que residia no Encanto - RN, mas que tinham fartura, enquanto outras pessoas que moravam próximos a eles passavam necessidade.

Em relação à temática abordada, podemos considerar que o Brasil entra novamente no Mapa da Fome das Organizações Unidas (ONU), fato que se agravou na pandemia da COVID-19. Cabe destacar que o atual governo (2023) busca a erradicação da fome, por meio do Programa Social Bolsa Família, o qual tem o propósito de atender e suprir as necessidades das classes populares.

Segundo dados do Brasil (2022), 33,1 milhões de pessoas não sabem se vão se alimentar em um determinado dia, significando que, no país, 14 milhões de pessoas vivem em condições de fome, e os dados ainda mostram que essa insegurança alimentar pode ser leve, moderada ou grave e que em números chega a ser maior que 58,7%. É nessa perspectiva de insegurança alimentar e da fome que se torna necessário saber em quais condições vive o trabalhador (a) idoso (a), e se o tecer de suas memórias serve como reflexão para os dias atuais.

Hoje tá muito mais difícil, não tem inverno bom, o inverno é curto. Naquele tempo as mulheres tinham um monte de filhos e criava sem emprego. Enchia a casa de feijão, milho e arroz. Hoje em dia o povo procura emprego e não tem. Tem muita gente pedindo esmola e passando fome. Antes não tinha gente pedindo esmola, não existia (TRABALHADORA, 2022).

O Trabalhador citado tece suas memórias sobre o período de sua juventude dizendo que: “Antigamente o povo ia fazer boca de noite com a lua clara, sentados nos terreiros, às portas abertas, e hoje não pode. Por umas coisas tá melhor, mas por outro tá pior. O dinheiro que a gente ganha não dá pra nada. Nem um trocado a gente tem mais guardado.” No período atual, segundo os idosos entrevistados, o custo de vida tem se tornado maior que o salário mínimo, este que é a aposentadoria dos idosos. Tal benefício, além de ser para alimentação, é destinado para gastos essenciais, como moradia e saúde.

Em vista disso, fica o questionamento se esses sujeitos não deveriam ser amparados pelo estatuto do idoso, em seu Art. 14. que adverte: Se o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social (BRASIL, 2013, p. 12).

Portanto, mediante este tecer foi possível rememorar as vivências do idoso e da idosa entrevistados, deslocando-se pelas memórias do ano vigente e retornando

para o período de 1969 a 1971, períodos que viveram e, no entanto, ainda permanecem vivos dentro de cada um dos participantes; além de que foi possível despertar a criticidade e a reflexão destes perante o passado e os tempos atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliamos que esta pesquisa teceu a memória de um idoso e uma idosa, considerando que as recordações ainda se encontram vivas dentro de cada participante. O tecer é algo que fazemos durante uma vida inteira. Estes contaram suas histórias, vivenciam espaços, pessoas, sentimentos, emoções e essas realidades os acompanharam durante suas vidas, pois, consoante Nora (1993), a memória é a nossa vida, e viver é evoluir.

Ser idoso ou idosa, além do tecer memórias, é também buscar pelo seu lugar na sociedade, como sujeitos ativos, trabalhadores e trabalhadoras, os quais encontram qualidade de vida exercendo atividades fora de casa, em outros casos o trabalho é o subsídio para complemento de sua renda. É necessário compreender, em conformidade com a projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), que o Brasil terá um quarto de sua população com mais de 60 anos em 2060, evidenciando o processo de envelhecimento da nação em um futuro próximo. Desse modo, é preciso repensar sobre quais serão as possibilidades de emprego e renda para os idosos ativos no mercado que buscam sobre “sobreviver”, adverte Bosi (1994).

Considera-se relevante, neste estudo, o processo metodológico da história oral, por meio do qual proseamos com dois participantes. Através da entrevista semi-estruturada, desenvolvemos um momento do “senta que lá se vem muitas histórias”. Essa forma de expressão é utilizada quando ouvimos os mais velhos, pessoas que trazem uma vasta experiência de sua época. Foi a partir dessas vivências que, ao analisar as respostas, compreendemos que a idosa trabalhadora, em meio as dificuldades do trabalho, assumidas na sua juventude, não realizou seu sonho de ser professora.

Evidenciou-se pelo trabalhador que aquele período era de trabalho, não se tinha sonhos, e que no atual momento em que vive ele, ainda presencia dificuldades, entre elas: o custo de vida mais caro, a insegurança dentro de sua própria casa, como também a não possibilidade de possuir alguma reserva de emergência.

Ao concluir a coleta dos dados, analisamos que a memória se mantém viva nos dois participantes, onde ambos enfrentaram dificuldades em um mesmo período de tempo (1969-1971) no município de Encanto – RN. Contudo, os dois tiveram experiências diferentes, como por exemplo, no quesito da participação apenas da trabalhadora, no Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral.

Ademais, constatamos que os dias atuais estão cada vez mais difíceis, pela perspectiva dos idosos, e que mediante este estudo deveríamos estar presenciando um período oposto, devido aos avanços da ciência e da tecnologia nos últimos anos. Entretanto, o que se é percebido é que essa evolução não é para todos, assim

como as oportunidades não são, e que o País no qual esses idosos trabalhadores e trabalhadoras tanto lutaram ante as dificuldades, esperançosos de dias melhores no futuro, novamente se encontra no mapa da fome, resultado negativo da Pandemia da COVID-19; como prova temos os supermercados com preços absurdos e o salário que faz jus ao nome, é na realidade, mínimo.

Neste tecer, portanto, refletimos não somente sobre a memória, a velhice, a educação na década de 1969 a 1971, a Educação de Jovens e Adultos – EJA, o trabalho, as atividades exercidas no passado, mas também acerca da realidade dos tempos atuais, considerando o ano de 2022. Pela história oral, concluímos que as pesquisas voltadas à área de memórias de idosos (as) trabalhadores e trabalhadoras devem ser fortificadas, pois mesmo com as limitações da pesquisa, devido o número de participantes, percebemos que é olhando para o ontem pelos olhos de quem viveu que podemos ter a certeza de que o hoje só fará sentido se lutarmos pela dignidade de vida da classe popular.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Afinal, quem é a classe trabalhadora hoje? **Revista da RET, Rede de Estudos do Trabalho**, v. 2, n. 3, 2008.

AGÊNCIA, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. Notícias. **Imagem da projeção do envelhecimento da população (IBGE)**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade> Acesso em: 02 de janeiro de 2023.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil 16 de julho de 1934**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Acesso em: 22 de novembro de 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Brasília – DF, 2013.

BRASIL. **Senado Federal**. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos> Acesso em: 24 de novembro de 2022

CALDAS, Iandra Fernandes. **No tear do tempo, tecer memórias, (re)contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros**. 2021. 294f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

CASSINI, Simone Alves; ARAÚJO, Gilda Cardoso de. Contribuições para a defesa da escola pública como garantia à educação: aportes conceituais para a compreensão da educação como serviço, direito e bem público. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília – DF, v. 98, n. 250, p. 561-579, set/dez. 2017.

CPRM - **Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**. Diagnóstico do município de Encanto, estado do Rio Grande do Norte / Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Saulo de Tarso Monteiro Pires, Dunaldson Eliezer Guedes Alcoforado da Rocha, Valdecílio Galvão Duarte de Carvalho. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

ENSP. **Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca**. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52800#:~:text=Na%20pol%C3%ADtica%20de%20envelhecimento%20ativo,%E2%80%9Cdescrever%20pessoas%20mais%20velhas%E2%80%9D>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

FOLHA UOL. **1970: Com a seca, flagelados invadem cidades no RN em busca de comida**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2020/04/1970-com-a-seca-flagelados-invadem-cidades-no-rn-em-busca-de-comida.shtml> Acesso em: 24 de novembro de 2022.

IBGE. Cidades e Estados. **Encanto 2021**. Disponível em: https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/16958/1/rel_encanto.pdf Acesso em: 22 de novembro de 2022

MARQUES, Denise Travassos. **Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva de alfabetização com idosos**. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_arquivos/3/TDE-2009-07-21T061249Z1526/Publico/Denise%20Travassos%20Marques.pdf. Acesso em: 22 de novembro de 2022. NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *In*: Projeto História n. 10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História. São Paulo, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 204, 1992.

PARADELLA, Rodrigo. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Agência IBGE notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017> Acesso em: 15 de Junho de 2023.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola – Ibrades, 1987.

SILVEIRA, Denise Tolfó; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS 2009. SPIRDUSO, Wannan Wyrick. Questões de quantidade e qualidade de vida. *In*: SPIRDUSO, W. W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Tradução: Paula Bernardi; revisão científica: Cássio Mascarenhas Robert Pires. Barueri, SP: Manole, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.